

RESENHAS

MONTENEGRO, Braga — *Correio Retardado — Estudos de Crítica Literária*. Fortaleza, Imprensa Universitária do Ceará, 1962, 262 pp.

Embora reunião de artigos, escritos e publicados em fases diversas, a obra reflete uma unidade desde logo percebida: consciência de atitude crítica, sensibilidade, cultura e inteligência sempre presentes na apreciação e no julgamento. Aliás, os que conhecem Braga Montenegro sabem que estou repetindo o evidente em sua vida de intelectual cliente de que sem êsses predicados não é possível fazer-se trabalho de valor e respeito.

É o que vemos já no primeiro artigo, quando ele examina cuidadosamente o "caso" Oliveira Palva, mostrando como o autor de *Dona Guidinha do Poço* conseguiu escapar do esquecimento e duma perda que seriam lamentáveis. Assim, B. M. historia os percalços por que passou a obra até sua publicação, graças a alguns críticos abnegados e, ao mesmo tempo, aponta os elementos que a tornam obra de primeira qualidade. O interesse cada vez maior por Oliveira Palva, é testemunho de seu real valor, o que foi muito bem percebido por B. M. ao afirmar que não "só apanharia ele um vocabulário amplo e sobremodo expressivo do linguajar do povo, porém ainda criaria um estilo popular ao lado da fala corrente matuta e, com esse instrumento de expressão, que seria para o tempo fortemente ousado e ainda hoje se constitui singularidade estilística, construiria um livro inesperadamente sóbrio, sem vacilações nem dubiedades comprometedoras. Um livro intérigo na sua inspiração regional, bem equacionada na sua problemática de obra de ficção do ciclo nordestino moderno". (p. 58).

Isto posto, deriva para os novos "Hóspedes da poesia", onde depara com o "objetivismo lírico do sr. Otacilio Colares para encontrar depois a serena grandeza do sr. Aluísio Medeiros, poeta em espírito e temperamento inteiramente opostos ao primeiro. Notará que diferente destes é o sr. Antônio Girão Barroso, em seu ardente cerebralismo, seu ritmo variô e pouco característico; diferente o sr. Arthur Benevides, cujos versos selvosos e eloquientes dão dêle a impressão de que é o mais fecundo de todos" (p. 62). Dos novos que aspiram um lugar, justo, nas letras, vai a Eça de Queirós para fazer certos reparos à obra *Roteiro de Eça de Queirós*, elaborada por José Stenio Lopes.

A cultura e a intuição, sempre presentes e atuantes, permitem a B. M. esse movimento pendular entre o consagrado e o novo, entre o assente e o nascente e lhe oferecem oportunidade para certos paralelos elucidianos, feitos com bastante

segurança. Dentro dessa linha é que vai ao contista Eduardo Campos aproveitando a ocasião para considerações em torno do problema intelectual cearense. Verifica que, apesar dos entraves ao desenvolvimento da cultura, o melo ainda não impede o aparecimento dos novos, embora E. Campos não seja "um contista ainda definitivo mas sobremodo expressivo" (p. 83). Ao examinar, a seguir, os contos de Fran Martins, faz, com justeza e equilíbrio, ponderações sobre o gênero. Nessa ordem de considerações é que coloca uma série de reparos ao livro de Fran Martins pela fraqueza de tessitura e composição. *Três romances* de Raquel de Queirós leva Braga Montenegro a insurgir-se contra o "disvirtuamento" dessa vocação literária, transformada em cronista elegante, mas sentimental e efêmera no gênero. O *Esbôco de História da Literatura Brasileira* de Mozart Soriano Aderaldo põe ao vivo o vasto conhecimento que B. M. tem de nossa literatura e sua história ao denunciar sérios defeitos e lacunas em obra feita apressadamente por um homem de "talento e honesto".

Apesar da simpatia com que vê *Não há estréla no céu* de J. Clímaco Bezerra, na linha de tradição de nosso melhor romance, não deixa de apontar os defeitos "dêsse espelho" real dos costumes cearenses, onde se percebe o dedo seguro e a correção do crítico consciente de sua função. Em Artur Eduardo Benevides divisa um poeta da linha de Rilke e T. S. Eliot e com extraordinária força elegíaca. Daí, vai a Hermann Lira para acusar os defeitos básicos de *Variações sobre o conto*, onde a exigüidade de espaço, para tão ampla matéria, tornou o trabalho superficial, apesar das qualidades dos julgamentos emitidos.

Em toda parte, o que se percebe é a grande cultura de B. M., capaz de suprir lacunas e fazer reparos, demonstrar insuficiências e apontar caminhos, que as levem à supressão. É a experiência do crítico orientando os novos e contendo os experientes. A peça *Lampião* de Raquel de Queirós, onde a A. encontra componentes de notável arte literária, conduz B. M. a uma série de considerações em torno da literatura brasileira moderna para situar Raquel de Queirós entre os melhores representantes. Daqui passa a um estreante, Heloneida Studart, que revela em *A Primeira Pedra*, com todos os seus defeitos, pujança de grande romancista. Passando a *Abolição no Ceará* de Raimundo Girão, B. M. tem oportunidade de ressaltar os defeitos duma história voltada para indivíduos, para os heróis, quando os próprios fatos se desencadearam graças à participação geral (Aliás fazer história de indivíduos em pleno século XX é um problema muito sério). Voltando-se para o Amazonas com Stenio Lopes, que num misto de jornalismo e poesia volta a esse mundo terrível e fascinante, e um dos nós do Brasil de hoje, B. M. chama atenção para defeitos básicos de sua obra.

Ao falar de Adolfo Caminha, tomando como ponto de partida *Roteiro de Adolfo Caminha* de Sabóia Ribeiro, B. M. parece sobrelevar seu valor, ao colocá-lo ao lado de Aluísio Azevedo. Teria a paixão levado o excelente crítico a ultrapassar seu natural comedimento? João Miguel traz de volta Raquel de Queirós e leva B. M. outra vez à colocação de problemas concernentes à distinção entre romance, novela e conto, para fixar João Miguel, por força duma análise interna muito bem conduzida, como novela bem característica. Em *Portas Fechadas* de Moreira Campos, B. M. depara qualidades de um excelente contista, com páginas de rara beleza e profunda significação. Assim vai registrando o aparecimento de outros escritores, como o contista bisssexto Magalhães Martins e tecendo, com propriedade, o perfil de suas realizações no contexto de nossa literatura em face de outras de igual comportamento. Ao ver o livro publicado pela Agir ("Nossos Clássicos") sobre Juvenal Galeno, preparado e apresentado por João Clímaco Bezerra, B. M. mostra as deformações de que tem sido vítima o poeta, para ao fim exaltar o trabalho equilibrado, sem contudo deixar de fazer reparos ao estudo do apresentador. A seguir, passa a considerações a respeito dos "contadores de história", rotulados de romancistas, onde está presente a falta de imaginação, e criatividade, ressaltando a presença sensível do documento. Serve-lhe de pretexto para essas incursões o romance *Maria de Cada Pôrto*, de Moacir C. Lopes, "o primeiro, legítimo

romance do mar da literatura brasileira", de excelente realização pelo poder criador e transfigurador do escritor. *Sete-Estrélo*, livro de crônicas de Milton Dias, faz B. M. incursionar nos territórios do gênero para ver suas relações entre o registro diário dos fatos e a ficção, para ao fim considerá-lo à altura dos melhores cronistas do Brasil. É assim também que vê a poesia de Francisco Carvalho "pela excelência de seu lirismo, pela dignidade de seu artesanato, pela atitude de sua inspiração e, principalmente, pela consciência de seu destino artístico". *Velha Fazenda e Velhos Costumes* de José Stenio Lopes, livro de memórias (?), memórias esfumadas pelo tempo e erigidas em poesia, leva Braga Montenegro ainda uma vez ao problema da classificação pelo gênero, em vista das dificuldades apresentadas pelo livro de Stenio Lopes, onde "a memória se transforma em arte". *Folclore do Nordeste* de Eduardo Campos abre ocasião a B. M. de oferecer achegas ao problema e reparar algumas falhas, sobretudo com relação ao folclore cearense.

Por fim, *Dois de Ouros* de Fran Martins encerra essa seqüência de considerações e notas críticas, onde Braga Montenegro mostra as boas qualidades dessa obra que coloca com acerto problemas sociais do Nordeste, sem as deformações do observador a longa ditsância, o que tem sido freqüente entre nós.

Assim, conseguimos realizar, pela mão do A. de *Correio Retardado*, um longo e agradável passeio às atividades culturais do Ceará nos últimos tempos. Passeio inteligente, está visto, e guiado pela cultura e sensibilidade de quem tem imenso respeito aos fatos do espírito. Por isso não temos receio de convidá-los ao mesmo passeio, certo de que sairão dele enriquecidos, pois apesar de retardado, o correio veio carregado de boas notícias. JOSE CARLOS GARBUGLIO.

ABRANCHES VIOTTI, Pe. Hélio, S. J. — *Anchieta, o Apóstolo do Brasil*. São Paulo, Edições Loyola, 1966, 344 pp.

O presente estudo biográfico sobre Anchieta, de autoria do Pe. Hélio Abranches Viotti, S. J., recebeu o primeiro prêmio entre seis trabalhos apresentados em concurso da Comissão Nacional das comemorações do dia de Anchieta, em 1965. O ensaio reveste-se de um duplo aspecto: por um lado, revela o erudito, o pesquisador minucioso dos arquivos e bibliotecas de vários países, no afã de reconstituir a verdade em torno das contribuições de Anchieta para a causa do apostolado no Brasil e sobre sua atividade como intelectual; por outro lado, revela o espírito entusiasta de admirador do trabalho incansável do missionário, tentando aprofundar "o estudo psicológico e ascético de sua extraordinária personalidade" (p. 7). As conclusões baselam-se minuciosamente na bibliografia especializada, sendo o ensaio, além de uma contribuição original, uma fonte bibliográfica completa a respeito; com efeito, o A. é de longa data um estudioso do assunto, tendo já publicado diversos artigos em jornais e revistas, o que evidencia uma pesquisa de vários anos, que pôde mais tarde aprofundar através da consulta a bibliotecas e arquivos europeus. A pesquisa estendeu-se inclusive à genealogia de Anchieta, sem que os vários capítulos, entretanto, se restrinjam aos aspectos referentes à vida do jesuíta: com efeito, progressivamente e em ordem cronológica, vão-se desdobrando a nossos olhos não só os diversos fatos que concernem às atividades da Companhia de Jesus no Brasil, mas, dadas as perspectivas amplas sob as quais se colocou o Autor, um panorama preciso de várias fases do povoamento e conquista de nosso território no século XVI. Não é de estranhar que o livro acabe por assumir estas perspectivas mais amplas, pois "verificava-se em São Paulo mais uma vez essa função indireta do culto religioso: a de ser um fator primordial de povoamento e estabilidade social" (p. 154). E vêm a propósito estas considerações, pois é a partir delas que se salienta a importância da presença de Anchieta como estelo da fundação de São Paulo (a este aspecto é dedicado um longo apêndice: "Controvérsia acerca da fundação de São Paulo"). E, ao mencionar as árduas condições em que se desenvolveram as atividades missio-